

## O SURDO E A SUBJETIVIDADE NA RENASCENÇA: UM OLHAR A PARTIR DO *ETHOS*, O *LOGOS* E O *PATHOS* EM *HAMLET*

### THE DEAF SUBJECTIVITY IN THE RENAISSANCE: THE *ETHOS*, THE *LOGOS* AND THE *PATHOS* IN *HAMLET*

Aurelino Silva da Conceição<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Psicólogo pela UFMT. Pós-graduado em Gêneros Textuais: questão de análise pela UFMT. Pós-graduando em Libras pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI. Psicólogo Clínico, Rua Curitiba, s/nº, Vila Nova, e-mail: [linopsicologo@gmail.com](mailto:linopsicologo@gmail.com)

**RESUMO-** Neste trabalho investigamos algumas das novas formas de conhecimento para o ser humano se relacionar com o mundo considerando para tanto o sujeito surdo no período da Renascença. Assim, procuramos investigar a passagem Antiguidade para a Renascença. Nosso objetivo foi o de identificar o *ethos*, o *logos* e o *pathos* em Hamlet, bem como averiguar a existência do surdo neste período da história da humanidade. Podemos inferir que o *logos* representa a razão, a consciência humana, ou seja, a capacidade de afirmar os limites do mundo. Já o *ethos* é definido como o caráter do Surdo. O *ethos* em Hamlet transcende diferentes conflitos tais como: a luta do herói contra a sociedade dos homens. Por outro lado, o pedido de vingança, proferido pelo espectro do pai de Hamlet, dá início a todo um jogo de ideias – “ser ou não ser”: um assassinato frio e vingativo. Eis porque Hamlet, sem revelar a causa, é taxado de louco. Inicia-se a constituição do *pathos* (neurose / loucura) na peça. Este trabalho resultou de que o sujeito surdo possui tanto o *ethos*, o *logos* e *pathos*, e chegamos a constatação de que Shakespeare retrata Hamlet similarmente ao humano ou mesmo ao sujeito surdo, no qual o *logos*, o *ethos* e o *pathos* proporcionam-lhe o desabafo dos afetos. Assim, conclui-se que é na passagem da Idade Média para Renascença que o surdo passa a ter um avanço em termo racionais e científicos, representando, portanto, a passagem do mito para o *logos*, e considerando o *ethos* e *pathos* na constituição do sujeito Surdo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subjetividade. Surdo. *Ethos*. *Logos*. *pathos*.

**ABSTRACT-** In this work we investigate some of the new forms of knowledge for the human being to relate to the world, considering the deaf person in the Renaissance period. Thus, we seek to investigate the passage from Antiquity to the Renaissance. Our objective was to identify the *ethos*, *logos* and *pathos* in Hamlet, as well as to verify the existence of the deaf in this period of human history. We can infer that the *logos* represent reason, human conscience, that is, the ability to affirm the limits of the world. The *ethos* is defined as the character of Deaf. The *ethos* in Hamlet transcends different conflicts such as: the hero's struggle against the society of men. On the other hand, the request for revenge, made by the specter of Hamlet's father, initiates a whole set of ideas - "to be or not to be": a cold and vindictive murder. This is why Hamlet, without revealing the cause, is considered crazy. The constitution of *pathos* (neurosis / madness) begins in the play. This work resulted from the fact that the deaf subject has both *ethos*, *logos* and *pathos*, and we find that Shakespeare portrays Hamlet similarly to the human or even to the deaf subject, in which the *logos*, *ethos* and *pathos* provide him with the venting of affections. Therefore, it is concluded that it is in the transition from the Middle Ages to the Renaissance that the deaf starts to advance in rational and scientific terms, representing, therefore, the passage from myth to *logos*, and considering the *ethos* and *pathos* in the constitution of the Deaf subject.

**KEYWORDS:** Subjectivity. Deaf. *Ethos*. *Logos*. *Pathos*.

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho insere-se no campo da investigação da história dos surdos, para tanto abrimos mão de pesquisa bibliográfica a fim de compreendermos sobre a Renascença e o sujeito surdo neste período. Assim, entendemos a Renascença como posterior a Idade Média e anterior a modernidade. O Renascimento ou renascença ou mesmo renascentismo é caracterizado como um retorno aos clássicos, uma fuga dos ditames religiosos, seria assim, uma busca pela razão e uma valorização dos ideais e ideias científicas. Sendo o período da história, que por sua vez representa a transição da idade medieval para a modernidade.

Dessa forma, nosso trabalho primou por fazer uma análise da personagem Hamlet, de Shakespeare, bem como evidenciar tanto em Hamlet como no sujeito Surdo as três categorias retóricas que perfazem o fazer literário e, inclusive incluem-se a constituição da subjetividade sujeito Surdo. A saber as categorias são: o *ethos*, o *logos*, e o *pathos*. Tais categorias serão objetos de análise seja em *Hamlet*, seja no sujeito Surdo, principalmente em se tratando dos processos de subjetivação subjacentes a ambos. Primamos pelo método psicanalítico.

Temos algumas subdivisões desde trabalho: a saber a passagem da Idade Média para os renascimentos, no tópico intitulado: *Do mundo antigo a Renascença: Hamlet um representante indeciso*: vamos fazer considerações e análises sobre este período histórico e uma análise de Hamlet. Já no segundo tópico tecemos considerações sobre *Os Surdos na Renascença: ethos, pathos e logos*. Por fim, ressaltamos que na tessitura, optamos em colocar Surdo com inicial maiúscula para evidenciar o Surdo: como comunidade, como sujeito.

### ***Do mundo antigo a Renascença: Hamlet um representante indeciso.***

No mundo antigo, o homem era regido pelos deuses, pela mitologia e pela filosofia. Com o passar do tempo, o homem foi inventando novas formas de conhecimento para se relacionar com o mundo, consigo mesmo e com os outros homens, por meio das práticas do “cuidado de si”, conforme o imperativo socrático. Na relação entre o homem e o mundo, “a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental” (FOUCAULT, 1999, p. 23). Similitudes e assimilações entre as ideias e as coisas tornaram-se significativas no fim do século XVI para, assim, afirmar os limites do mundo, os quais são interpelados pela linguagem que busca entrecruzar o verbo e a natureza “ao infinito formando, para quem sabe ler, como que um grande texto único” (FOUCAULT, 1999, p.47).

No extenso e complexo período histórico que marca a transição da Idade Antiga para a Renascença, processo que paulatinamente – durante toda a Idade Média – se representa como período de passagem do *mito* para o *logos*, o mundo passa a ser explicado racionalmente. Apesar de tantas rupturas com o passado, os conhecimentos do período renascentista ainda “eram constituídos por uma mistura instável do saber racional e de noções derivadas das práticas da magia e de toda herança cultural” (FOUCAULT, 1999, p. 44). Daí, pode-se perceber que a ciência desta época surge ainda dotada de uma certa fragilidade estrutural, quando comparada com a ciência contemporânea. Ao pensar a surdez nesta época não seria diferente, pois os surdos, embora considerado loucos e imbecis da época, buscavam

formas se coexistir em meio a uma sociedade de maioria oralizada. O Surdo era assim, excluído do social.

Neste contexto da Renascença, percebe-se que o ser humano não se satisfaz com as próprias explicações sobre si mesmo (suas crises, conflitos e dúvidas). *Hamlet*, tragédia escrita por Shakespeare em meados do ano de 1600, retrata o momento de crise do homem frente os dilemas de sua existência. Assim, o objetivo deste trabalho foi o de identificar o *ethos*, o *logos* e o *pathos* em Hamlet. Para tanto, vale ressaltar a importância da Renascença para a constituição do saber ocidental. Neste estudo, evidenciou-se que este saber também é capaz de possibilitar a constituição do sujeito (literário ou não). Assim, pode-se dizer que o texto literário e o sujeito (autor/leitor) constituem-se reciprocamente.

Neste trabalho realizou-se uma pesquisa teórico-bibliográfica, na qual o método de análise literário foi o psicanalítico, que por sua vez, busca uma interpretação do conteúdo literário. Assim, utilizou-se a teoria freudiana acerca da atuação dos *personagens*, no intuito de estabelecer um elo entre estes personagens e o saber constituído durante a Renascença. A partir disso, inferiu-se a manifestação do *ethos*, *logos* e *pathos* no personagem protagonista da peça shakespeariana, bem como para compreendermos a interface no *ethos*, *logos* e *pathos* na constituição da subjetividade dos Surdos.

Conforme Maurício Rodrigues de Souza (2006):

*Hamlet: príncipe da Dinamarca*, demarca um período considerado “sombrio” na vida e produção do dramaturgo inglês. Provavelmente, uma espécie de resposta psíquica à execução do conde de Essex, seu protetor e amigo particular (Medeiros, 1981). O conteúdo geral da trama, em geral associado ao tema da vingança, parece-nos bem conhecido.

Nesta obra, Shakespeare expressa a transcendência do humano consigo mesmo: o ser humano procura outras explicações para sua existência, pois a razão não é suficiente para explicá-la. Não se propõe remeter ao porquê de Shakespeare ter escrito esta obra. Vale ressaltar que “seu tema é a maneira como um homem até então normal torna-se neurótico devido à natureza particular da tarefa com que se defronta, ou seja, um homem em quem uma moção até ali recalcada com êxito esforça-se por se impor” (FREUD, [1905 ou 1906], p.190). Assim, pode-se enfatizar que o assunto do drama é a repressão do desejo de vingança: nisto vale dizer que Hamlet movimenta-se de modo a reprimir da consciência o seu referido desejo.

Se a razão dos anos da Renascença não é suficiente para explicar a complexidade da existência do ser humano e tampouco as explicações da Antiguidade (mitologia, divindade, filosofia) que são anteriores àquela, haveria, então, alguma razão suficiente para as questões concernentes à existência humana? A réplica à questão acima possui como protagonista a experiência da subjetividade que, por sua vez, busca questionar a ordem já estabelecida e reconstitui a presença do caos vivenciado pela humanidade durante a Renascença. Para Aranha & Martins (2003 p. 52), O caos é definido como algo:

que não significa vazio, mas desordem – procuramos estabelecer semelhanças, diferenças, contigüidades, sucessões no tempo, causalidades.

Desejamos ‘por ordem no caos’, porque só assim poderemos nos situar no mundo e sermos capazes de agir sobre ele.

No desenvolvimento da tragédia de Shakespeare, percebemos a complexidade do personagem Hamlet, pois, em si, há vários sentimentos, os quais consequentemente levam Harold Bloom (2000) a afirmar que Hamlet representa uma experiência de metamorfose: o personagem, frequentemente, reflete sobre seus atos procurando uma transformação pessoal. O desejo da vingança trazido através do espectro de seu pai faz Hamlet hesitar em cometer o assassinato de seu tio (Cláudio), o qual teria assassinado o rei (pai de Hamlet), ambos irmãos. Hamlet hesita em assassinar seu tio Cláudio que, após o assassinato do seu pai casara-se com sua cunhada Gertrudes (mãe de Hamlet) cometendo, então, um ato que faz ressonância ao incesto. Daí, pode-se inferir que o homem da Renascença, por vezes, retorna à sua condição bárbara, isto sim se inferirmos a questão do parricídio e do incesto no personagem Hamlet.

Sigmund Freud (1905/1906) aponta que, assim como o protagonista da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, Hamlet possuía um desejo recalcado por sua mãe. Hamlet, por ser um homem detentor de um vasto conhecimento, não consegue realizar de fato nenhuma ação, pois sempre se questiona sobre as consequências de seus atos, até ao ponto de ter náuseas. Isto significava que ele se sentia “acuado” por si mesmo, ao notar que seu conhecimento não consegue solucionar seus problemas, nem dos outros.

Shakespeare, em *Hamlet*, representa os conflitos do homem com a realidade. Os conflitos apresentados incluem na dinamicidade da existência humana como um esforço da vontade. No drama, o sujeito é definido como um ser capaz de se ressignificar e se responsabilizar pelos seus sofrimentos ao travar uma luta contra os deuses julgando-se capacitado para buscar uma nova ordenação para a humanidade. Freud (1905 ou 1906) define tal atitude como tragédia de rebelião.

Assim é importante evidenciar que:

A luta contra os deuses representou o primeiro e mais grandioso cumprimento dessa condição. Já dissemos que essa é uma tragédia de rebelião, e nela o dramaturgo e a platéia tomam o partido dos rebeldes. Depois, à medida que se vai descrendo da divindade, mais importante se torna a ordenação *humana*, que o discernimento crescente passa a responsabilizar pelo sofrimento (Freud, 1905 ou 1906, p. 89).

Convém relatar que, no contexto da Renascença, a tragédia de rebelião representa a revolta contra as divindades deste período. O homem passa da condição de criatura para criador. Nesta condição, o fator primordial de sua elevação é o seu *ethos*. Sobre este atributo de Hamlet, pode-se remeter apenas a sua noção, visto que é um termo cuja significação é complexa e diversificada. Neste sentido, conforme Antônio Macena Figueiredo (2008), o *ethos* é definido como “modo de ser” e “caráter”. Contudo, pode-se concordar com este autor que enfatiza que “é preciso ter certo cuidado com o uso da palavra ‘caráter’, pois ela pode ter uma conotação filosófica, um sentido psicológico e outro restritamente moral” (p. 3).

O *ethos* em Hamlet transcende diferentes conflitos, tais como a luta do herói contra a sociedade dos homens – tem-se aí uma tragédia social. Também assistimos

em *Hamlet* à luta entre os seres humanos – tragédia de caracteres. Para exemplificar tais proposições vejamos: a Dinamarca queria ser um reino independente, no âmbito político-ideológico, daí um drama social; a luta de Hamlet contra Polônio (o pai de Laertes) e com o próprio Laertes representa a luta entre seres humanos, um drama de caracteres; também a luta de Hamlet contra seus próprios sentimentos, que representa o drama psicológico.

Partindo das tragédias sociais e de caracteres, consideramos a luta do herói com sua própria alma, luta essa que o torna um drama psicológico. Neste estopim, a realidade psíquica advém com os “conflitos internos” vivenciados pelo personagem Hamlet. Começamos pela análise do pedido de vingança proferido pelo espectro do pai de Hamlet: lá se inicia todo um jogo de ideias (“ser ou não ser”), a possibilidade de um assassinato frio, vingativo. Eis porque Hamlet, sem revelar a causa do seu drama, é taxado como louco. Dá-se, assim, a constituição do *pathos* (paixão/neurose/loucura) na peça, na qual Shakespeare retrata a similitude de Hamlet ao ser humano, que do “ódio que deveria impeli-lo à vingança é nele substituído por auto-recriminações” (FREUD, 1996. p. 292).

Convém ressaltar que o “em Aristóteles, a paixão (*pathos*) é uma das dez categorias, a qual designa uma ação que se sofre, transmitindo a ideia de passividade, por exemplo, ser cortado, ser queimado” (JAPIASSU & MARCONDES, 2001, p. 146). A partir da referida citação, pode-se entender a passividade de Hamlet frente aos fatos ocorridos no desenrolar da peça, uma vez que Freud o considera como um neurótico, tendo em vista que a temática da peça é o fato de um homem tornar-se um neurótico. Hamlet representa as similitudes com os “conflitos internos” da humanidade, na qual uma série de possibilidades se amplia e o drama se converte em psicopatológico (neurose).

De acordo com Freud, na tragédia *Hamlet* distinguem-se três características: (1) a transformação psicopática no decorrer da ação; (2) o nosso desenvolvimento se faz com o mesmo recalçamento figurado na peça, ou seja, reconhecemos no herói nossas susceptibilidades ao mesmo conflito; (3) da mesma forma que Hamlet busca desvendar “conflitos ocultos” de si mesmo também nós, sujeitos contemporâneos, no trabalho analítico, trazemos à consciência nossos recalques, isto sim se pouparamos a resistência a tal realização.

Ao analisar a tragédia de Shakespeare, Freud observa que “é um outro que está ali atuando e sofrendo no palco”, o que se trata somente de uma teatralidade, a qual não apresenta ameaça a integridade pessoal. Porém, concomitantemente ocorre no espectador um processo de identificação com as dores, sofrimentos e graves tribulações da humanidade caracterizando-se como “ânsia de liberdade nos âmbitos religioso, político social e sexual e [a necessidade de] desabafar em todos os sentidos em cada uma das cenas grandiosas da vida representada no palco” (FREUD, 1996, p. 293).

### **Os Surdos na Renascença: *ethos*, *pathos* e *logos*: algumas considerações**

Os surdos apesar de serem marginalizados e excluídos na passagem da antiguidade para a Renascença foi neste período, que os primeiros procedimentos pedagógicos passaram a ser adotados no Século XVI, uma vez que é:

a partir do século XVI o surdo ganha uma nova interpretação histórica e propostas e métodos começam a ser criados para a sua educação. A maioria desses métodos inicialmente fundamentava-se em substituir a audição perdida por outro canal sensorial, como a visão, o tato, ou aproveitando os resíduos auditivos existentes. (MOREIRA, 2014, p. 189)

Neste sentido podemos afirmar que é a partir dos séculos XVI e XVII, a subjetividade e a noção de sujeito, do Eu, vão se constituindo, como categorias fundamentais no pensamento filosófico, delineando, no decorrer desses séculos. O Surdo, portanto, visto com: subjetividade, um sujeito com um Eu, embora somente na modernidade tais características fossem potencializadas.

A Idade Média ou a “idade dos horrores”, como podemos afirmar foi um período, no qual o Surdo era tratado como:

*sujeitos estranhos e objetos de curiosidades da sociedade. Aos surdos eram proibidos receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também haviam decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas só sendo permitido aqueles que recebiam favor do Papa. Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos. 530 Os monges beneditinos, na Itália, empregavam uma forma de sinais para comunicar entre eles, a fim de não violar os rígidos votos de silêncio. (STROBEL, 2009)*

Como podemos perceber ao surdo eram negadas o que conhecemos hoje como subjetividade, haja visto que eram quando muito sujeitos estanhos e meros objetos da curiosidade humana. Eram a eles negados direitos tais como: casamento, herança, voto. Contudo, uma saída de comunicação com estes seres abjetos foi por meio daqueles que faziam por vontade própria e afim de não violar os votos de silêncio, os monges beneditinos que por volta do ano 530 da nossa era estabeleceram com estes “sujeitos” uma forma de comunicação por meio de sinais. (HAUTRIVE, 2019)

### **O ethos do surdo**

Conforme Melo e Carmelino (2009), o surdo tem um *ethos* caracterizado erroneamente como surdo-mudo, isto segundo as autoras significa uma falta de conhecimento pelo ouvinte, haja visto que “O surdo não apresenta mudez. Seu aparelho fonador está em perfeitas condições. Quando tem treino fonoaudiológico é possível desenvolver a fala (universo de representações que os ouvintes foram construindo em torno da pessoa surda)” (MELO; CARMELINO, 2009, p. 36). Ainda de acordo com as referidas autora ao analisar piadas envolvendo os surdos, estes são vistos como: “a representação de um surdo idiota”, surdo espertalhão, o “ethos do surdo é constituído de duas formas distintas, como o de idiota (pelo não surdo) e o aproveitador (pelo próprio surdo)” (*idem*); “a surdez que é considerada um desvio”, mais adiante as autoras afirmam que ainda hoje “O ethos do surdo, dessa piada, é demarcado como o de um tolo e idiotizado além de irônico” (MELO; CARMELINO, 2009, p. 39)

Assim como podemos perceber ao representar o caráter do surdo ainda hoje, na dita pós-modernidade, mesmo se tratando de piados temos ainda retratado do sujeito surdo como um louco, idiota e irônico. Tal fato demonstra o surdo similarmente ao Hamlet, que ao falar desabafa os afetos. O surdo ao ser retratado, nos tempos

hodiernos como um Hamlet resta-nos ainda pensar o pathos e seu logos para verificarmos o quanto temos muito a evoluir enquanto humano, capazes de promover o respeito e tolerância, bem como garantir ao surdo um despertar dos afetos.

### **O pathos e o Surdo**

O Surdo como vimos fora assujeitado a inúmera caracterização e uma dela ou talvez a maior e mais significativamente pejorativa e objetalizante foi o fato de ser e ainda permanecer sendo um “deficiente”, um “doente”, um “louco”, sendo, portanto, colocado na posição de objeto ou quiçá um paciente nos consultórios clínicos, um ser diferente ou especial como é comumente tratado na nossa educação atual, que por sua vez, almeja ser inclusiva. Enfim voltemos a questão do pathos no sujeito surdo

O surdo como já vimos, é tido muitas vezes como louco, uma vez que a linguagem oral foi e ainda continua sendo sinônimo de expressão do pensamento. Desta forma, na Idade Média e, ainda na Renascença, o surdo não tinha ainda uma língua na qual podiam expressar o que pensavam. Assim eram, os Surdos tidos como loucos, idiotas, débeis dentre outras formas patológicas de existência. Portanto o surdo era um ser passivo em relação aos sujeitos ouvintes, isto é o surdo para os ouvintes na renascença era tido como aquele que sofre por não escutar (JAPIASSU; MARCONDES, 2001).

É possível pensar a Surdez ou o Surdo um ser diferente, que por vez apesar de manifestar outras formas de comunicação é capaz expor o que pensa, aquilo que sente. Assim podemos dizer e entender o surdo para além da patologia, mas sim como ser dotado de duas dimensões na constituição de se ethos: um logos e um *pathos*. Sendo o *pathos*, para além de doença, é entendido no tocante a subjetivação do surdo como paixão, afeto (GALINARI, 2014).

Para Amossy (2008 *apud* GALINARI, 2014, p. 259):

traz à baila a **dupla dimensão do ethos**: uma reconhecidamente **racional (oriunda do logos), outra potencialmente afetiva (proveniente do pathos)**. Plantin (2005) [...] teoriza acerca da **estrutura emocional do ethos**, ligada aos estados psicológicos simulados (ou não) pela fonte da enunciação. [...] **pathos, eleito agora como centro de referência**: voltando à Amossy, noutro texto de sua autoria (2010), [...] esse elemento é inseparável do logos, uma vez que “[...] éléments émotionnels et rationnels sont tissés dans la même trame discursive [...]” (AMOSSY, 2010, p.173). [...] De tudo isso, podemos concluir que [...] o ethos como foco principal [...] ora sob a perspectiva central das emoções e do pathos.

Como podemos perceber o *pathos* pode ser perfeitamente reconhecido como uma categoria constitutiva do ethos. Sendo assim, entendido, o *pathos* é caracterizado como uma força potencialmente afetiva, ou seja, uma estrutura emocional, que é tida nos processos de subjetivação como o centro das emoções. Desta forma podemos assim ver a importância do *pathos* na constituição do sujeito Surdo, que capaz de ressignificar seu sofrimento e torna-se, um sujeito, que possui a emoção (prazer/desprazer) e afetos (*pathos*).

### **O Surdo e o logos**

O logos é entendido, segundo Meyer como a capacidade de emitir questionamentos e respostas de modo a preservar suas diferenças, assim ao emitir uma resposta a uma pergunta o sujeito cognoscente pode fazer jus a outras perguntas, sendo que o referido autor pondera que: “toda resposta encontra sua liberdade, em relação questão que a gerou, e ela pode, portanto, remeter a outras questões” (MEYER, 2007).

Neste sentido, convém ressaltarmos o *logos* predominante em relação ao surdo é o de ser sem essência, uma vez que os cristãos diziam que os surdos não tinham alma, pois não eram capazes de realizar a profissão de fé, ou seja não podiam expressar na mesma língua dos ouvintes e, além disso, não realizam a confissão dos seus pecados<sup>1</sup>. Sendo “tomados como seres mundanos, infra-humanos, impossíveis de aprender e viviam excluídos de todos os processos sociais” (Ribeiro, 2011, p. 21).

No final da Idade Média e início da Renascença, a nobreza passou a valorizar dado o nascimento de surdos entre os nobres, passando a ser a “força motriz dos primórdios da educação de surdos”: “contrários a preceitos médicos e religiosos das épocas, que diziam que surdos não tinham aptidão para linguagem, alguns professores se dispuseram, mesmo assim, a educá-los, e isso pode ser considerado, na conjuntura da época (século XVI), um expressivo avanço” (RIBEIRO, 2011, p. 21).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos ainda ressaltar que os conflitos internos vivenciados por Hamlet podem ser conceituados como uma metáfora que, consecutivamente, significam os questionamentos individuais os quais, segundo Bloom (2000), são mencionados por meio de perguntas retóricas que nem sempre se constituem em respostas. Em síntese, podemos dizer que, ao longo deste trabalho, propusemos a refletir brevemente algumas questões (estabelecendo uma relação entre psicanálise e literatura, relação esta de profícua reciprocidade) sobre a complexa transição histórica e cultural da Antiguidade até a Renascença considerando em nossa tessitura o *ethos*, os *logos* e *pathos* no surdo. Abordamos ainda as crises existenciais, nas quais o homem entra em constante questionamento interno consigo mesmo, até o porque, processualmente, começa a colocar o “eu” no centro das atenções. Shakespeare retrata Hamlet similarmente ao humano, no qual o *ethos*, o *logos* e o *pathos* proporciona-lhe o desabafo dos afetos.

Enfim, pode-se perceber ao realizar este estudo que “na Renascença, o homem voltou o seu olhar sobre si mesmo, isto é, houve o ressurgimento dos estudos nos campos das ciências humanas, em que próprio homem toma-se como objeto de observação ao mesmo tempo em que é o observador” (Enciclopédia Digital Master). Assim, ao tramar ao longo da história fictícia ou real desenrola a manifestação do *logos*, do *ethos* e do *pathos* no processo de subjetivação do surdo a partir de uma visão renascentista reinante. Podemos concluir com a afirmação de que é somente no final da Idade Média e início do Renascimento, ou seja é na Renascença que a religião cede lugar a razão e a ciência, temos, assim a passagem do *mito para logos*, sem deixar de lado *ethos e pathos*.

---

<sup>1</sup> “A Igreja Católica acreditava que eles não possuíam alma imortal, uma vez que eram incapazes de proferir os sacramentos” (RIBEIRO, *op cit*).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando** – Introdução à Filosofia. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BLOOM, Harold. Hamlet. In: \_\_. **Shakespeare: a invenção do humano**. Objetiva, 2000.

EMES. **Breve História da Educação de Surdos**. Escola Municipal de Educação de Surdos – EMES/ canal Mãos na Ciência: Angra dos Reis, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F9uFCcJ12Eo>. Acesso EM 28/09/2020. (Vídeo na internet).

ENCICLOPÉDIA DIGITAL MASTER . **Renascença**. Disponível em: [http://www.pitoresco.com.br/art\\_data/renascimento/index.htm](http://www.pitoresco.com.br/art_data/renascimento/index.htm). Acesso 11/06/2020.

FIGUEIREDO, Antônio M. Ética: origens e distinção da moral. In: **Saúde, Ética & Justiça**. 2008; 13(1):1-9. Disponível em: <[www.fm.usp.br/gdc/docs/iof\\_83\\_1-9\\_etica\\_e\\_moral.pdf](http://www.fm.usp.br/gdc/docs/iof_83_1-9_etica_e_moral.pdf)> acessado em 07/08/2020.

FOUCAULT, Michel. A Prosa do Mundo. In: \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Cap. 2, p. 23-61.

FREUD, Sigmund. **Personagens psicopáticos no palco** (1905 ou 1906). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 288-297.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALINARI, Mellianro Mendes. Logos, ethos e pathos: “três lados” da mesma moeda. **Alfa**, São Paulo, 58 (2): 257-285, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1405-1>. Capturado em 20/09/2020

HAUTRIVE, Giovana Medianeira Fracari. Língua brasileira de sinais – libras. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria – RS, 2019 Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18332>. 07/09/2020.

JAPIASSÚ, Hilton. & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em: <[http://dutracarlito.com/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://dutracarlito.com/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)> acessado em 11/08/2020.

MELO, Heloisa Helena Vallim de; CARMELINO, Ana Cristina. O ethos da pessoa surda: um estudo de piadas. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**. Franca(SP), v. 5. n. 5. p. 29-41. jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/>>. Capturado em 17/07/2020.

MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MOREIRA, Carlos de Melo (2014). Tornar-se surdo: um processo histórico e cultural. **Revista EXITUS**. Volume 04. Número 01. Jan/Jun. 2014, Santarém/PA. Disponível

em:

<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/135>.  
Acesso em 20/08/2020.

RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo (2011). Considerações sobre a relação dos surdos com a linguagem: dos primórdios à contemporaneidade. **Revista Unimontes Científica**, v. 13, n. 1/2, p. 19-29, 2011. 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/2201/2263> >  
Acessado em 07/08/2020.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. A psicanálise e o Complexo de Édipo: (novas) observações a partir de *Hamlet*. In: **Psicologia USP**, 2006, 17 (2), 135-155. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v17n2/v17n2a07.pdf>> Acessado em 07/08/2020.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf). Capturado em 25/09/2020.